



Pistas indexicais e representações na criação poética e literária de autoria indígena: uma análise do poema “Ay kakyri tama - eu moro na cidade”, de Márcia Wayna Kambeba

Indexical clues and representations in the poetic and literary creation of indigenous authorship: an analysis of the poems “ay kakyri tama - i live in the city”, by Márcia Wayna Kambeba

André Marques do Nascimento ¹

Jasminny Rodrigues da Costa Santos ²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo investigar como as obras literárias indígenas têm contribuído para a desconstrução da imagem indígena antes forjada por um olhar eurocêntrico, e para como esta literatura atua de forma a colaborar com a (re)construção das identidades indígenas. Sua natureza é qualitativa e interpretativista, utiliza o conceito de pistas indexicais proposto por Wortham (2001), para analisar os poemas “Ay Kakyri Tama - Eu moro na cidade”, da autora Márcia Wayna Kambeba.

Palavras-chave: Literatura Indígena; Pistas Indexicais; Márcia Wayna Kambeba;

Abstract: This article aims to investigate how indigenous literary works have contributed to the deconstruction of the indigenous image previously forged by a Eurocentric gaze, and how this literature works to collaborate with the (re)construction of indigenous identities. Its qualitative and interpretive nature uses the concept of indexical clues proposed by Wortham (2001) to analyze the poems “Ay Kakyri Tama - Eu moro na cidade”, by the author Márcia Wayna Kambeba.

Keywords: Indigenous Literary. Indexic Clues; Márcia Wayna Kambeba;

Introdução

As representações culturais e simbólicas, os arquétipos sociais, signos e ressignificações acerca da população e da cultura indígena no Brasil advém de olhares hegemônicos e perspectivas etnocêntricas. Diante disso, a criação literária de povos indígenas possui elementos culturais e intersubjetivos de performance autônoma, de ação e voz ativa sobre a formação da representação de si mesma e de seu

¹ Doutor em Letras e Linguística, professor Adjunto II da Faculdade de Letras/Educação Intercultural, UFG, orientador. E-mail: marquesandre@yahoo.com.br

² Orientanda de Mestrado em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, UFG. Email: jas-fl@hotmail.com .

posicionamento interacional, contendo uma riqueza imaterial na oralidade e em memórias, de reconhecimento, autoafirmação e resistência.

Neste sentido, interessa a esta proposta de estudo compreender como, através da produção literária de autoria indígena, indivíduos e coletividades indígenas têm reinventado e reafirmado suas identidades étnicas na contemporaneidade.

Buscar verificar como os recursos semióticos são empregados na literatura de autoria indígena para indexicalização das suas identidades indígenas na contemporaneidade e como estas identidades performadas nessa literatura enfrentam e subvertem perspectivas de colonialidade.

Para isso, estudaremos o que tem sido chamado, na contemporaneidade, de literatura indígena, compreendida como uma nova forma de resistência e (re)existência indígena, um instrumento potente para visibilizar situações silenciadas pela colonização e suas perspectivas etnocêntricas, a partir da perspectiva dos próprios indígenas.

O presente trabalho consiste em investigar como as obras literárias indígenas têm contribuído para a desconstrução da imagem indígena antes forjada por um olhar eurocêntrico, mas, principalmente, para como esta literatura colabora com a (re)construção das identidades indígenas.

Uma série de indagações incorrem em como a produção literária indígena tem reverberado em suas conquistas às manifestações e reivindicações políticas, sociais e culturais, pela potência em como a escrita indígena rompe com imagens e representações instituídas pelos discursos coloniais presentes literatura brasileira canônica indianista e indigenista, além da relevância da autorrepresentação indígena construída na literatura de autoria indígena em língua portuguesa e seus elementos de ativismo e denúncia social.

Esta análise tem como fundamentação teórica o conceito de “pistas indexicais”, de Wortham (2001). Para isso, buscou-se articular as compreensões indígenas com uma perspectiva discursiva sobre identidade, partindo do pressuposto de que as identidades são construídas, reconstruídas, reinventadas também, por mecanismos e pelas práticas discursivas. Ou seja, de modo geral, adotamos uma perspectiva performativa entre linguagem e identidade.

No segundo capítulo é apresentada a escrita indígena a indexicalidade em sua literatura, em poemas e narrativas, para verificar como os poemas analisados constroem, por meio dos recursos semióticos empregados, elementos de identidade indígena na contemporaneidade.

A análise será realizada nos respectivos poemas do livro *Ay Kakyri Tama*, de Márcia Wayna Kambeba: poema que dá origem ao título do livro, “*Ay Kakyri Tama - Eu moro na cidade*”, para investigar como os textos de autoria indígena contribuem para reconstrução identitária dos povos indígenas.

A relação entre o enunciado e seu conteúdo e a interação posicionamento que realizam de forma dialógica é intermediada pela interpretação dos participantes de determinado contexto, e é dotada de várias características linguísticas específicas.

2 Referencial teórico

De acordo com Wortham (2001), as pistas verbais sinalizam de maneira indexada o conteúdo enunciativo para assim direcionar à análise de seus aspectos específicos de contexto e apontar para o conteúdo do enunciado como principal objeto de análise. As pistas indexicais são um tipo específico de estrutura poética que emergem, se solidificam e representam num contexto relevante, um conjunto mais plausível de interpretações nos relacionamentos interacionais mediados e emergentes (WORTHAM, 2001, p. 45).

Nesse sentido, a ação de contar uma narrativa, estabelecida entre um narrador e seu ouvinte, passa a ser caracterizada como um ato de performance, que reposiciona as interações, associações e significações compartilhadas entre o público e o narrador de forma contínua, além de considerar como as palavras e caracteres contidos em vozes enunciativas e em narrativas sobre a autorrepresentação atuam de modo a indexar posições sociais específicas (WORTHAM, 2001).

As vozes são reposicionadas de forma contínua e autodefinida, e suas mudanças se efetivam em decorrência da construção de novos diálogos e posicionamentos. Diante disso, o conceito de emergência propõe para a análise do posicionamento interacional a maneira como as funções do enunciado dependem da coerência com seus contextos subsequentes, pois estabelecem uma posição realizada no conteúdo do enunciado anterior:

Palavras e expressões têm significados regulares - por exemplo, certos tipos de enunciados geralmente pressupõem certas vozes - e determinados enunciados concretos são moldados por esses significados (WORTHAM, 2001; p. 44).

Nos discursos construídos pelo outro, existe uma condição de minoria para com os povos indígenas, e a esfera de reconhecimento do outro não considera sua pluralidade e diversidade. De acordo com Danner; Dorrico e Danner (2020), elas são observadas e pré-concebidas diante de um paradigma estrutural formal, com discursos de natureza imparcial e neutra, e sob o olhar do observador, seriam vinculadas às suas representações e olhares hegemônicos.

Na academia, as linhas e demarcações entre a análise e o seu conteúdo, de seus pressupostos ontológicos e procedimentos científicos se dão de maneira institucionalista, com olhares científicos e técnicos que polarizam a natureza e conteúdo das complexas dimensões das manifestações simbólicas da existência indígena (DANNER; DORRICO; DANNER, 2020).

A literatura enquanto ação e construção objetiva e autônoma, que é construída de maneira intersubjetiva e dotada de uma estrutura específica de significados pelos sujeitos que as compõem, expressam emoções e ideias, dão voz à existência de indivíduos e de comunidades, sendo um elemento de difusão de conhecimentos (BRITTO; SOUSA; CÂNDIDO, 2018).

2.1 Literatura de autoria indígena

Durante muito tempo as histórias indígenas eram repassadas oralmente, de geração a geração. Por outro lado, o que se sabia sobre as culturas, hábitos e “mitos” indígenas sempre foram contados pelo "outro" não-indígena.

A partir da década de 1990, surge então um movimento literário indígena com duas vertentes: a de autoria coletiva e a autoria individual. A autoria coletiva se fundamentava em uma produção bibliográfica voltada para a educação escolar indígena, e até então todo o material produzido com a colaboração dos indígenas, linguísticas, antropólogos ficava restrito às comunidades indígenas para o desenvolvimento escolar indígena, e por se tratar de um material específico e de circulação reduzida, imaginava-se que não existiam processos literários de autoria indígena anteriormente (FRANCA; SILVEIRA, 2014).

A autoria individual, surge dentro desse mesmo contexto e no mesmo período, assim, começa a circular dentro do mercado editorial do país, ainda de forma tímida e ainda limitada. Alguns autores como Kaká Werá, Olívio Jekupé, Daniel Munduruku

passam a ser publicados por editoras privadas e abrem espaço dentro do mercado editorial da cultura nacional do Brasil.

Atualmente temos cerca de 60 escritores de caráter individual publicando e circulando dentro do mercado editorial, nas grandes mídias e dentro de outros espaços que foram ganhando ao longo dos anos.

Para Kayapó (2016) em entrevista ao Youtube, a literatura indígena é um instrumento de produção material de formação para o não índio sobre a cultura e história indígena sobre o que é que eles apelidam de “índios”, pois a sociedade precisa saber o que é ser indígena e desmontar a ideia de generalidade que se tem feito desde a colonização sobre eles.

Nesse sentido, para Kayapó (2016), a Literatura Indígena torna-se indispensável para evidenciar a diversidade étnica indígena e informar sobre a riqueza cultural existente, além de contribuir com o desenvolvimento epistêmico, uma vez que com a literatura de autoria indígena nós temos a desmitificação da figura indígena antes retratada na literatura brasileira como “atrasado”, “primitivo”, dentre outros.

Para Daniel Munduruku (2014), a Literatura de autoria indígena é um conjunto de manifestações culturais que são realizadas pelos próprios indígenas, seja em seus rituais, cantos, danças, desenhos, rezas, mitos e contação de histórias.

Nesse sentido, para Munduruku, a literatura indígena também contribui para a práxis-pedagógica, uma vez que os povos não indígenas precisam compreender toda a diversidade cultural e étnica existente.

O autor destaca ainda que a cultura se atualiza para manter-se viva e nesse sentido, “a literatura indígena passa a ser um instrumento de atualização da memória que antes se utilizava da oralidade como equipamento/instrumento preferencial para transmissão dos saberes tradicionais.” (MUNDURUKU; 2014, p.180)

A Literatura Indígena contribui para a autoafirmação das tradições e da cultura indígena, para a autoafirmação étnica e linguística, além da denúncia de diversos tipos de subtração e de registro da cultura das mais diversas etnias indígenas.

É também, nesse sentido, que os indígenas passam a ter uma história própria, um discurso, a literatura indígena vem sendo pensada por seus grupos e construída de acordo com suas lutas específicas.

Assim, torna-se uma prática de transmissão, preservação e informação sobre os conhecimentos e tradições orais indígenas que durante muito tempo foram silenciados, e diante disso:

A literatura indígena é um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas ao longo da história há mais de 500 anos. Enraizada nas origens, esse instrumento de luta e sobrevivência vem se preservando na auto-história de escritores (as) indígenas e descendentes e na recepção de um público diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo dos poemas e prosas autóctones (GRAÚNA, 2013).

A autora nos coloca que a voz dada ao texto é a mesma voz que fora silenciada e que agora essa voz ganha força e através do texto seu amor a terra, de viver seus costumes, sua organização social, suas línguas e de manifestar suas crenças nunca foram consideradas de fato é que apesar da intromissão dos valores dominantes, o jeito de ser e de viver dos povos indígenas e seus descendentes vencem o tempo.

A tradição literária (oral, escrita, individual, coletiva) é uma prova dessa sobrevivência. Essa tradição é abordada a partir de um conjunto de textos literários indígenas de autoria individual de língua portuguesa, em que se manifesta a literatura-assinatura de milhões de povos excluídos (GRAÚNA, 2018).

Silenciar a cultura indígena e sua voz, seus costumes, sua cultura, sua religião faz com que sua imagem desapareça. Significa também se recusar a olhar para o passado violento sobre o qual o Brasil se constituiu. Nega-se ao indígena sua própria identidade (DANNER; DORRICO; DANNER, 2020).

Partindo desta perspectiva, podemos afirmar que a Literatura Indígena não é um fim em si mesmo, é um meio político-pedagógico de resistência, de luta e de uma reformulação no protagonismo da história do Brasil, fazendo uma correção histórica e promovendo a diferença como base construtora desse país:

Além de um fenômeno estético-literário singular, merecedor de avaliação e de publicização, além de uma estrutura pragmática alternativa às formas pragmáticas calcadas na racionalização, à literatura indígena é também práxis político-pedagógico, de resistência e de luta, pela militância e engajamento das próprias vítimas de nossa modernização conservadora (DORRICO et al., 2018).

Dessa maneira, a escrita indígena vem reverberando conquistas importantes para esse povo. Autores indígenas como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Graça Graúna, dentre outros, utilizam-se da escrita para manutenção de suas tradições, costumes, crenças e ancestralidade.

A literatura indígena pode ser concebida como toda e qualquer criação, de natureza oral ou escrita, de ação individual ou coletiva, que é pensada e estruturada através das configurações culturais e de elementos estilísticos e identitários dos povos indígenas (REGINA, 2003 apud FRANCA; SILVEIRA, 2014).

Ela é feita por sujeitos indígenas onde eles expressam através de temáticas da cultura indígena o seu pertencimento e lançam para a população não indígena por meio da escrita, uma literatura feita e pensada no orgulho das raízes ancestrais, da sua identidade étnica:

Nelas e por meio delas, o sujeito indígena, constituindo sua voz-práxis na correlação intrínseca e indissociável de comunidade-tradição (sujeito-mítico) e individualidade-grupo reflexivo (sujeito histórico), pode concomitantemente reconstruir suas bases antropológico-ontológicas e socioculturais, (seu ser indígena, por assim dizer) e, a partir disso, explicitar, sem necessidade de utilizar-se de valores, paradigmas e práticas extemporâneas (bastando, nesse caso, a apropriação e a utilização de sua tradição comunitária e xamânica), a sua própria constituição (e importância) como minoria, bem como denunciar a condição e as experiências de marginalização, de violência e de exclusão que sofreu e sofre (DANNER; DORRICO; DANNER, 2020, p. 209).

Para o autor Daniel Munduruku (2008) a escrita é uma conquista recente e uma forma contemporânea de a cultura ancestral se mostrar viva e ativa no processo de aprendizagem do não indígena e continua dizendo que, “pensar a Literatura Indígena é pensar no movimento que a memória faz para apreender as possibilidades de mover-se num tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam. A escrita indígena é a afirmação da oralidade.”

A escrita passa então a ser utilizada pelos indígenas como um instrumento novo e ressignificado, pois a força da oralidade marcou por séculos o modo como as culturas indígenas eram transmitidas no território brasileiro.

Os textos desses escritores são narrativas feitas em diversos âmbitos, como contos, crônicas, canções, ritos e rituais, poemas, desenhos, grafo centrismo, grafismos, relatos autobiográficos, dentre outros.

2.2 Resistência e (re)existência na literatura indígena

Márcia Wayna Kambeba, é indígena da etnia Omágua/Kambeba, utiliza esse nome para demonstrar a fluidez entre os dois mundos no qual está inserida entre os indígenas e não-indígenas.

Geógrafa, mestra em Geografia e pesquisadora sobre seu povo, desenvolve pesquisas envolvendo Território e Identidade em um processo de ressignificação da etnia. Escreve poemas indígenas relacionados à vivência, território e identidade do povo indígena Omágua/Kambeba e dos povos indígenas em geral, principalmente sobre a mobilidade existente entre a aldeia e os grandes centros urbanos.

Com uma perspectiva de corpo-território, a autora escreve sobre assuntos voltados para a questão ambiental, envolvendo a geografia e os povos indígenas, evidenciando a forma física do território, mas também memorial, ancestral, histórica, geográfica e política. E é através desse corpo que a identidade indígena é percebida, antes mesmo das palavras escritas dentro de sua literatura.

Os poemas de Kambeba publicados em *Ay Kakyri Tama* trazem, com frequência, uma perspectiva corpo-território e a fluidez entre o mundo indígena e não-indígena como um dos principais eixos temáticos da autora, em que a fixidez indígena que rompe com essa visão essencializada, ainda presente em nossa sociedade. O interesse pelo dialogismo entre aldeia e ambiente urbano estão presentes nos versos do poema.

Dentro desse contexto, o tema abordado nesse poema retoma a discursos que foram historicamente construídos e propagados de modo a criar uma imagem inferior do indígena uma vez que este se ambientaliza na área urbana, discursos que foram essencializados ao longo dos anos e que interpelam as identidades indígenas e sua autenticidade, mas de forma a desconstruir a imagem indígena antes forjada por um olhar eurocêntrico.

Nota-se a busca pela reconstrução identitária indígena dentro dos poemas apresentados a seguir:

AY KAKYRI TAMA - EU MORO NA CIDADE

1 Ay kakyri tama.
2 Ynua tama verano y tana rytama.
3 Ruaia manuta tana cultura imimiua,
4 Sany may-tini, iapã iapuraxi tanu ritual.

[Tradução]

5 Eu moro na cidade
6 Esta cidade também é nossa aldeia,
7 Não apagamos nossa cultura ancestral,
8 Vem homem branco, vamos dançar nosso ritual.

9 Nasci na Uka sagrada,
10 Na mata por tempos vivi,
11 Na terra dos povos indígenas,
12 Sou Wayna, filha da mãe Aracy

13 Minha casa era feita de palha,
14 Simples, na aldeia cresci,
15 Na lembrança que trago agora,
16 De um lugar que eu nunca esqueci.

17 Meu canto era bem diferente,
18 Cantava na língua Tupi,
19 Hoje, meu canto guerreiro,
20 Se une aos Kambeba,

21 aos Tembê, aos Guarani.
22 Hoje, no mundo em que vivo,
23 Minha selva em pedra se tornou,
24 Não tenho a calma de outrora,

25 Minha rotina também já mudou.
26 Em convívio com a sociedade,
27 Minha cara de “índia” não se transformou,
28 Posso ser quem tu és,

29 Sem perder a essência quem sou,
30 Mantenho meu ser indígena,
31 Na minha Identidade,
32 Falando da importância do meu povo,
33 Mesmo vivendo na cidade

(KAMBEBA, 2021).

Nesse poema, algumas características expostas evidenciam a subversão e o enfrentamento que a escrita de autoria indígena nos traz. Podemos identificar a busca pela reconstrução e afirmação de sua identidade indígena a partir de sua própria perspectiva e de sua trajetória.

O paralelo criado entre os “dois mundos” ocupados pela indígena é uma dimensão dessa afirmativa, uma vez que mesmo ocupando novos espaços ela não perde sua identidade e nem deixa de lutar por seus direitos enquanto indígena.

A análise do poema, para maior clareza, foi organizada em um aspecto central: identificação dos recursos semióticos utilizados para indexicalização desse processo de (re)construção e afirmação das identidades indígenas a partir de seu próprio olhar e como essa autorrepresentação rompe com os discursos que foram naturalizados ao longo do processo de colonização no Brasil, destacando as palavras consideradas como pistas indexicais.

Essa abordagem concentra-se na utilização da linguagem como meio de ação em que fazemos coisas para e com ela, nesse sentido, a linguagem é utilizada para encenar a performatividade. Existem o contexto translocal e local, e o corpo-território institui, indexa e apontando para valores, ideologias e crenças do primeiro no segundo.

Esse elo, que precipita do translocal para o local, é conhecido como o fenômeno da indexicalidade (BLOMMAERT, 2006 apud 2017, p. 413). Nesse sentido, a perspectiva adotada apresenta o uso da indexicalidade de modo a evidenciar a fluidez entre o mundo indígena e não-indígena, a auto representação indígena feita pelos próprios autores indígenas e a legitimação das lutas indígenas, principalmente pela atuação da voz e de metanarrativas que denunciam a estigmatização e estranhamento manifestados pelo outro acerca de sua identidade e existência.

“Ay Kakyri Tama - Eu moro na cidade” é um exemplo claro de poema que transmite todo conhecimento milenar indígena através da materialidade das palavras, ou seja, além do processo discursivo, a resistência, a luta permanente para não se submeter, o combate incisivo contra o genocídio perpetrado pelos colonizadores, pelo Estado, é apresentado entre os versos do poema.

Podemos identificar entre as palavras desenhadas entre as estrofes a resistência e (re)existência na busca pelo direito de ser, uma vez que aos povos indígenas historicamente lhes foram tirados de decisão, de visibilidade, de direitos e até mesmo a preservação de sua existência e como modo de intervenção e enfrentamento apresentam a literatura de autoria indígena em língua portuguesa.

A introdução do poema realizada na língua Omágua é um recurso que a autora utiliza para indexicalização da resistência e retomada da identidade indígena, dentro de um contexto de opressão linguística.

Omágua é a língua materna do povo Kambeba/Omágua que desde o século XVIII deixaram de se identificar como indígenas devido a violência e discriminação sofridas frente aos não indígenas da região Amazônica, e somente após a crescente reivindicação dos movimentos sociais indígenas e a configuração da Constituição de 1988, com a garantia dos direitos indígenas, que esses voltam a se reafirmarem indígenas e lutar por suas causas.

Atualmente trata-se de uma língua utilizada em momentos formais com os “brancos”, em alguns dias de aula nas escolas da comunidade indígena Kambeba e só é falada pelos mais velhos e lideranças do povo.

Se reconhecer indígena perante a espoliações e utilizar da língua materna para iniciar o poema demonstra uma forma de escrita poética que provoca os leitores a adentrar/conhecer o mundo indígena, pois para os leitores há um estranhamento na língua inicial do poema que logo abaixo é traduzida para língua portuguesa.

Há uma nova representação do discurso em relação a poética e sua autoria, principalmente ao se tratar da figura do indígena, onde no poema em questão ele apresenta sua identidade transpassada pela linguagem escrita que reconfigura o saber das línguas indígenas que antes só eram repassadas através da oralidade.

A afirmação de suas vozes na literatura ganha contornos políticos analisados sobre a esfera interacional e de posicionamento sociodiscursivo, que é viabilizada principalmente pela construção de elos representativos e a restituição narrativa que reforça sua autonomia, protagonismo e ação diante das suas histórias, da autoria dos sujeitos, bem como sobre a sua realidade e necessidade de reivindicação de emancipação política.

A performance na literatura indígena evoca um multiculturalismo riquíssimo, centraliza as vozes e mensagens marginalizadas em composições poéticas e linguísticas que substituem o discurso de invisibilização (seja ele evocado de forma direta ou indireta) de si perante o outro (DANNER; DORRICO; DANNER, 2020).

A produção literária indígena reverbera em conquistas políticas, sociais e culturais ao desconstruir o discurso hegemônico e narrativa colonial que concebe os sujeitos indígenas como indivíduos subalternos sem autonomia e que são marginalizados.

Nesse sentido, a ação de autoria indígena rompe com imagens e representações instituídas pelos discursos coloniais e pela literatura brasileira canônica ao criar pontes e formas de comunicação para que suas perspectivas e cosmovisões sejam compartilhadas no intercâmbio, e principalmente nas interações sociodiscursivas com o outro (RODRIGUES et al., 2020).

3 Considerações finais

Por meio do presente artigo, é possível concluir que a literatura indígena possibilita que se ocorram novos pensamentos dos povos indígenas, para dar voz e reconstruir suas identidades, sua formação estética e sua ancestralidade, e impactam na construção coletiva de um projeto político de futuro, de contestação e denúncia no momento presente.

A ação de seus sujeitos reconta novas narrativas, e nesse sentido a produção literária indígena permite repensar tanto o índice identitário das cosmovisões criadas pelos povos indígenas em seu processo de autoria, quanto durante a execução e performance do ato literário, de forma a centralizar suas metanarrativas e contestar as representações indianistas e indigenistas destituídas por essa ação.

Também sinaliza a abertura de seus povos à interlocução com o outro, à construção política de novos diálogos, conferem nessa interação posicionamentos e poéticas, resultando assim em novos sentidos e atos performáticos que interrelacionam suas expressividades, corpos, identidades e culturas.

A literatura possibilita não apenas a preservação da sua memória e de sua construção identitária, mas representa uma ferramenta para reconstruir novas significações sobre sua realidade e sobre as transformações culturais.

A auto representação indígena é construída na literatura de autoria indígena em língua portuguesa não apenas pela produção literária em si, mas por que envolve e, sua interlocução as memórias, trajetórias, narrativas orais e escritas por vozes que ecoam no âmbito individual e coletivo.

Referências

BARRA, Cynthia de Cássia Santos. Antes o mundo não existia: as palavras-imagem, o imaginário das línguas e os livros de autoria indígena. *Raído*, v. 14, n. 34, p. 122–137,

2020. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/11084>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- BRITTO, Tarsilla Couto de; SOUSA, Sinval Martins de; CÂNDIDO, Gláucia Vieira. O avesso do direito à literatura: por uma definição de literatura indígena. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, p. 177–197, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/elbc/a/v8Mq5p4P6j9vRKVMXJ5WjPC/?lang=pt>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. Literatura indígena entre tradição ancestral e crítica do presente: sobre a voz-práxis indígena em termos estético-literários. *Scripta*, v. 24, n. 50, 2020. Disponível em: <<http://seer.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/23803>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. Educação, resistência e politização: sobre o sentido da educação na literatura indígena brasileira contemporânea. *Griot: Revista de Filosofia*, v. 20, n. 3, p. 211–228, 2020. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/1891>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- DORRICO, Julie (Org) et al. *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, f. 212, 2018. 424 p.
- FRANCA, Aline; SILVEIRA, Naira Christofolletti. A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira. *Transinformação*, v. 26, p. 67–76, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/tinf/a/Sw9dF3yQ43JZRZgR7mkttWQ>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- GRAÚNA, Graça. Identidades e utopias. In: GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza Ed., f. 98, 2013. 196 p.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. *Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade*. Editora Jandaíra, v. 3, f. 36, 2021. 72 p.
- MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e as novas tecnologias da memória. In: MARTINS, Maria Silva Cintra (Org.). *Ensaio em interculturalidade: literatura, cultura e direitos de indígenas em época de globalização*. 1. ed. Campinas: Editora Mercado de Letras, v. 1, 2014. cap. 6, p. 173-183.
- MUNDURUKU, Daniel. *Professor Edson Kayapó e a importância da Literatura Indígena*. 2016. (4m27s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sIQ5KFhF2dU>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

POLASTRINI, Leandro Faustino; LEITE, Mario Cezar Silva. Literatura indígena: questões de identidades numa perspectiva engajada em Daniel Monduruku. *Grafia*, v. 9, p. 43–59, 2012. Disponível em:

<<http://revistas.fuac.edu.co/index.php/grafia/article/download/335/318>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

RODRIGUES, Wallace; SICSU, Delma Pacheco; SANTOS, José Benedito dos; *et al.* Sobre poesia indígena: o caso do poema “Ay Kakuyri Tama (eu moro na cidade)”, de Márcia Wayna Kambeba. *EntreLetras*, v. 11, n. 1, p. 483–498, 2020. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/6722>>.

Acesso em: 20 jul. 2021.

SILVA, Maurício. GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte, Mazza, 2013. *Nova Revista Amazônica*, v. 3, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/6419>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. *Educação & Realidade*, v. 38, p. 1175–1189, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/edreal/a/PJsZ4S3tMLKBmyJ83VKXcQg/?lang=pt>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

WORTHAM, Stanton Emerson Fisher. *Narratives in Action: A Strategy for Research and Analysis*. Teachers College Press, v. 3, f. 92, 2001. 183 p.